

A ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES ASSENTADAS NO PONTAL DO PARANAPANEMA: O Caso da OMAQUESP

*Renata Cristiane Valenciano**

Resumo:

A emergência da OMAQUESP (Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo), como parte do movimento social envolvido na luta pela terra, nos desperta atenção, com ênfase ao seu processo de formação e sua organização na região do Pontal do Paranapanema, bem como, os objetivos para os quais está voltada essa organização de mulheres trabalhadoras rurais. Nos propomos apreender os desdobramentos das atividades desenvolvidas pelas mulheres e a sua importância para a construção de novas relações de gênero nos espaços de socialização, quais sejam, assentamentos que são atualmente, palco para o incremento de várias atividades praticadas pelas mulheres.

Palavras Chaves:

Quilombolas, mulheres trabalhadoras rurais, organização, relações de gênero.

Abstract:

The emergency of OMAQUESP (Organization of settled and quilombolas women of São Paulo), as a part of o the Social Movement involved in the Land Struggle, awake our attention. We place emphasis in the process of formation and performance in the region of Pontal do Paranapanema, and its aims that chase such an association of rural women workers. We want to understand the implications of the activities realized by these women and its relevancy in the construction of new relations of gender in socialization spaces: settlements, the real space to increase different activitiesrealized by the rural women workers.

Key-Words: *Quilombolas; Rural Women Workers; Organization; Relations of Gender*

**THE ORGANIZATION OF SETTLED WOMEN FROM PONTAL DO PARANAPANEMA:
THE OMAQUESP QUESTION.**

1 – Introdução

O processo de luta pela terra no Pontal do Paranapanema tem dado é produto da organização e mobilização dos trabalhadores rurais sem terra. Nesse processo encontramos várias facetas e desdobramentos. Um deles é a emergência de grupos formados por mulheres trabalhadoras, oriundas de acampamentos e assentamentos. Um desses grupos, de existência recente (2000), porém, com articulação há muito já consolidada é a OMAQUESP (Organização de mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo). Essa organização, que está articulada em nível estadual, possui representante apenas dos assentamentos. Pretendemos dessa forma, desenvolver um rápido histórico, que de forma alguma esgotará a complexidade dessa organização, e ainda, compreender como está articulada, seus objetivos e projetos em andamento.

2 – Histórico de formação da OMAQUESP no Estado de São Paulo

A OMAQUESP é caracterizada pela formação e composição apenas de mulheres assentadas e quilombolas e vem desenvolvendo uma série de atividades não só na região do Pontal, mas em todo o Estado de São Paulo. Importante salientar que esta organização está ligada ao ITESP (Instituto de Terras do Estado de São Paulo), o qual tem dado apoio, fomentando cursos, encontros, etc., dirigidos às mulheres. Diante desta realidade, sentimos a necessidade de realizar o estudo desta organização para darmos vazão a uma série de questionamentos que foram surgindo ao longo da investigação, enfim, estudar mais essa forma de organização das mulheres trabalhadoras Sem Terra com atuação no Pontal do Paranapanema.

Os grupos de mulheres ou a mobilização desses grupos, não é recente. Desde 1986, já se organizavam e desenvolviam uma série de ações que iam desde a luta pela terra em si, constituindo o processo de ocupação, até a reivindicação de melhorias e demais necessidades que despontariam no pós-assentamento das famílias. Até então eram grupos pontuais espalhados pelos assentamentos no Estado. Uma das primeiras manifestações desses grupos surgiu no período de 1993 a 1997, quando as mulheres organizadas lutaram para sanar as dificuldades econômicas e de transporte no campo, em São Paulo, mais propriamente nos acessos aos assentamentos e acampamentos. Mas as lutas anteriores mantiveram vivo os grupos e as iniciativas das mulheres dentro dos assentamentos, com o anseio de conquistar o desenvolvimento econômico e ainda trabalhar a questão de gênero com as famílias.

As próprias mulheres começaram a ver as dificuldades nos assentamentos e começaram a se reunir. Sempre que uma liderança desses grupos vinha, corríamos atrás, indo até as prefeituras etc. A partir de então começaram a realizar os encontros de mulheres, onde se encontravam com mulheres de outros assentamentos e todas começaram a perceber que os problemas enfrentados eram quase sempre os mesmos. Então surgiu a idéia e a vontade de se organizar no nível de Estado^[1].

O ITESP favoreceu a coordenação dos grupos de mulheres nos assentamentos, de forma que eles estavam prontos antes mesmo da chegada do Instituto. A colaboração do órgão se apresenta no sentido de apoiar e fomentar algumas coisas como o deslocamento de uma cidade para outra, assentamento para assentamento, para articular as mulheres, enfim, providenciando o transporte, além da organização de cursos e o desenvolvimento de projetos dentro dos assentamentos. Foi a partir de então que o ideal de autonomia despertou as atenções dos grupos.

Somente em fevereiro de 2002, a OMAQUESP veio a se constituir numa Organização legalizada, aglutinando as experiências que se manifestaram a partir de 1986. A organização já contava com grupos de mulheres em diversos assentamentos como em Sumaré, Promissão e no Pontal do Paranapanema. Os primeiros objetivos traçados, discutidos e levados adiante pela organização foram os de lutar pelo reconhecimento da profissão de agricultora, salário maternidade para as produtoras rurais e aposentadoria aos 55 anos para as mulheres e 60 para os homens, e acesso à terra às mulheres. Essa organização ainda está vinculada a ANMTR (Articulação Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais).

Em 1998 foi realizado o 1º Encontro Estadual das Mulheres Assentadas, que contou com o apoio do ITESP. Este primeiro encontro contou com a presença de 80 mulheres. Em 1999 o 2º Encontro se realizou no município de Rosana. O objetivo principal debatido nos encontros era como ampliar os recursos e influir na política do ITESP, para que a questão de gênero fosse realmente introduzida nos assentamentos de Reforma Agrária.

A partir dessas iniciativas, a organização ganhou o apoio governamental para a construção de pequenas fábricas caseiras de doces e de costura, horticultura, etc., com a finalidade de investir em projetos para aumentar a renda das famílias. No ano de 2000 foi realizado o terceiro Encontro em Promissão, contando com a presença de 350 mulheres, sendo que, desta vez, o destaque foi para a participação dos quilombolas da região do Vale do Ribeira. Ainda debatendo questões como produção e crédito para a agricultura familiar, cresceu o acúmulo em temas específicos como saúde, educação, previdência. Neste encontro discutiu-se exaustivamente a autonomia da organização das mulheres.

Em 2001 foi realizado o 4º Encontro Estadual em Araraquara, com a presença de 450 mulheres e ainda a participação de todas as organizações que atuam no campo, particularmente, em São Paulo. Esse encontro destacou-se pela discussão envolvendo a saúde, a educação e a produção. Foram realizados debates sobre questão ambiental e demarcação das terras dos quilombos. Neste evento foram eleitas as 26 representantes das 13 regionais do Estado, seguindo a mesma estrutura adotada pelo ITESP.

Por deliberação da reunião realizada nos dias 26 e 27 de fevereiro de 2002, com assessoria da OAB-MULHER, CPEA (Centro de Pesquisa e Estudo Agrário) e o apoio do ITESP foi definida a Comissão Estadual, a fundação da OMAQUESP, com elaboração do estatuto e de todos os procedimentos de fundação.

A diretriz desta organização é promover em todos os níveis a defesa e a proteção dos direitos e interesses das mulheres em sua comunidade, visando a eliminação das discriminações, promovendo o bem estar e a integração das mulheres na vida socioeconômica, política e cultural. Através de estudos temáticos, da educação e formação, o intuito é elevar a auto-estima e o nível intelectual de intervenção das mulheres assentadas e quilombolas em sua comunidade, município, etc.

As mulheres que hoje integram a OMAQUESP vêm de experiências distintas no que tange ao envolvimento com outras organizações e manifestações de luta, seja pela terra, moradia, etc. Muitas delas passaram pela organização e mobilização de acampamentos, ocupações, ou seja,

estavam ligadas anteriormente a outras frentes de luta, da qual podemos destacar no Pontal, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). De forma que esta experiência com lutas, segundo algumas integrantes da OMAQUESP, facilitou o envolvimento das mulheres em torno desta organização.

Vale destacar o fato de que no último Encontro Estadual, realizado em Araraquara, em 2001, a proposta de formar uma comissão de mulheres, que contaria com uma representante de cada região do Estado. Essas representantes seriam em nível regional e municipal, correspondendo com a área de atuação do GTC (Grupo Técnico de Campo[2]). O ITESP dividiu a região do Pontal em cinco GTC's. A cada GTC corresponde um escritório da instituição, os quais estão localizados nos municípios de Teodoro Sampaio, Presidente Bernardes, Mirante do Paranapanema, Presidente Venceslau e Primavera. Estes grupos não atendem a divisões municipais. Dessa forma ao GTC de Teodoro Sampaio corresponde uma área de atuação que abrange a totalidade dos assentamentos do município de Teodoro, dois assentamentos de Sandovalina e três assentamentos de Mirante do Paranapanema. Essa forma de gestão territorial corresponde à de proximidade com a sede de cada escritório do ITESP.

Portanto, cada GTC reuniria um número de representantes de acordo com os seus respectivos assentamentos. Atualmente, essa forma de organização e representação da organização das mulheres, que está subordinada a este modelo de divisão territorial do ITESP, está sendo questionada. Segundo as mulheres, essa forma de divisão tem trazido algumas dificuldades para a articulação da organização, sobretudo quando se trata da busca de alguma reivindicação com os prefeitos, onde os limites municipais influenciam muito na tomada de decisão ou ajuda para o grupo de mulheres. Já existe a proposta de futuramente, a organização das mulheres se dividir respeitando a divisão municipal e não mais a divisão dos GTC's. A idéia de transformar o grupo de mulheres, que já se encontrava articulado em nível de Estado, em uma organização, surgiu quando essas mulheres começaram a entrar em contato com alguns órgãos, sobretudo do governo do Estado.

Surgiu assim, a vontade de legalizar o grupo, criar um estatuto, com o intuito de ganhar mais credibilidade. No encontro em Promissão surgiu a idéia, mas foi somente em Araraquara, durante o IV Encontro que a OMAQUESP veio a se consolidar. Foram eleitas as representantes das regionais do Estado, totalizando 33 mulheres. Existe em todo o Estado de São Paulo um total de 13 GTC's, somando assim 13 representações regionais, a qual possui 3 membros em cada uma, sendo pois, apenas duas regionais sem representação.

A articulação das mulheres não se limita somente àquelas que já tiveram uma experiência em algum movimento social. Independentemente dessa participação, a organização entende que toda mulher trabalhadora do campo deve ser chamada a integrar-se e participar. Dessa forma, as mulheres se organizam em grupos e realizam visitas aos assentamentos, onde através de reuniões divulgam os trabalhos da organização com o intuito de chamar outras mulheres para participarem. O ITESP realiza reuniões periodicamente em todos os assentamentos para tratar dos mais variados assuntos. E esses espaços são aproveitados pelas mulheres integrantes da organização para divulgar também os seus trabalhos e articular as mulheres para a OMAQUESP.

3 – Projetos e atividades desenvolvidas pela OMAQUESP nos assentamentos do Pontal do Paranapanema

A parceria entre a OMAQUESP e o ITESP não se restringe somente a atividades anteriormente salientadas. O GTC de Teodoro Sampaio desenvolve alguns trabalhos relacionados ou dirigidos especificamente para as mulheres assentadas. São oferecidos alguns cursos e oficinas das quais podemos destacar a educação continuada, realizado regulamente e já conta com um local cedido pela prefeitura. O curso é dirigido às mulheres que nos grupos criados dentro de cada assentamento se destacam pelo seu dinamismo junto às propostas dirigidas pelo ITESP. A dinâmica das oficinas, a proposta e seu objetivo fundamental é a formação de “lideranças”, com ênfase para a questão de gênero, planejamento participativo; diagnóstico e negociação; associacionismo e estatutos; e projetos comunitários.

Existem ainda em andamento os Projetos Agrofloretais[3], dos quais podemos destacar duas experiências deste programa. Uma delas no município de Teodoro Sampaio, no assentamento Madre Cristina, onde são cultivados 6 ha. O outro fica no assentamento Che Guevara, no município de Mirante, onde é cultivada uma área de 1 ha. O objetivo é incrementar a renda familiar através da comercialização dos produtos cultivados nessas áreas, onde as mulheres são as responsáveis pelo plantio, cuidado, colheita e a posterior venda destes produtos.

Um outro projeto a ser desenvolvido é o da horta comunitária. Este projeto ainda está em fase de negociação e a previsão é que seja desenvolvido no assentamento Santa Terezinha de Água Sumida.

A idéia da organização é trabalhar com parcerias, especialmente com o ITESP, sendo que estão sendo buscadas parcerias com o INCRA e com a CESP. Outro objetivo a ser realizado é a construção da Sede da OMAQUESP em São Paulo e a sub-sede em Teodoro Sampaio, local este onde poderão ser desenvolvidos, além dos trabalhos e reuniões da organização, espaços para a produção de artesanato, cozinha, etc.

Essas mulheres traçaram ainda como linha de atuação do grupo, o trabalho de formação e conscientização das integrantes. Esse trabalho teria o intuito de fazer fluir nas mulheres a sua autovalorização, seja com relação à sua profissão de trabalhadora rural, seja como mulher que luta por uma vida melhor para sua família. Além disso, todos os projetos desenvolvidos nos assentamentos dirigidos para as mulheres buscam em certa medida o incremento da renda familiar.

Porque não adianta você ter consciência e não ter uma casa onde morar. Somente a consciência não vale para nada. As mulheres têm que batalhar para conseguir tudo o que precisam nos assentamentos como se estivessem na cidade[4].

São mantidos contatos com várias organizações dentre elas, algumas feministas como a SOF (Sempre-Viva Organização Feminista), a qual proporciona alguns cursos de formação para as mulheres da OMAQUESP. O curso acontece na própria sede da SOF em São Paulo. Alguns assuntos da pauta de discussão do curso tratam de questões sobre saúde da mulher, preparação para negociar, sexualidade, etc. Após a participação nesses cursos, as mulheres retornam aos assentamentos onde através de reuniões e assembléias tentam transmitir os conhecimentos adquiridos.

Essas experiências têm sido concretizadas sem o apoio direto do ITESP, já que com o nascimento da OMAQUESP, esse instituto tem colaborado com parcerias.

Existe um projeto voltado para a educação, vinculado a EUCAFRO (Educação Comunitária para Negros e Afrodescendentes), onde existirá a formação de grupos de estudos que utilizarão material e apostilas doadas. A previsão é que este curso seja instalado em Teodoro Sampaio.

4 – Considerações Finais

Em linhas gerais podemos notar que as preocupações, projetos e demais assuntos discutidos pelas mulheres nos levam a concluir que os seus objetivos vão desde a luta pela terra, até o incremento da renda familiar, financiamento, infra-estrutura para o assentamento, educação, saúde, lazer, etc.

A posição ocupada por estas mulheres na OMAQUESP mostra o envolvimento, que mesmo assumindo formas distintas, perpassa a mesma realidade: mulheres assentadas, acampadas, quilombolas, enfim, mulheres que estão inseridas na luta pela terra e que vem a cada dia, dando provas de sua organização, desenvolvendo projetos, realizando uma série de atividades, seja para a melhoria da renda e condição dentro do seu assentamento, ou lutando nas frentes de resistência contra a opressão e a perseguição que a classe trabalhadora do campo atualmente é vítima.

Esse envolvimento crescente das mulheres revela que já existe uma alteração significativa nas atitudes de homens e mulheres, tanto na esfera familiar, como no próprio interior do movimento dos trabalhadores. Seguramente, essas transformações não atingiram ainda o alcance desejado, mas já mostra as significativas respostas que as mulheres vem buscando ao longo do desenvolvimento dos seus trabalhos.

A OMAQUESP tem dado saltos positivos no que tange à organização de projetos para melhoria da renda familiar. Ainda que embrionários e pontuais essas experiências poderão dar resultados positivos e certamente servirão de estímulo para desenvolver outras atividades.

Certos de que estamos avançando na discussão acerca da participação da mulher no processo de luta pela terra, acreditamos que as experiências organizativas dessas mulheres além de redefinir o papel de mulheres e homens, estão também modificando a vivência no cotidiano desses sujeitos, assim como, fortalecendo o significado da luta e das demais pretensões de transformação embutidas nela, como a emancipação de classe.

5 – Bibliografia

ALVES, B. M. e PITANGUY, J. *O que é Feminismo*. São Paulo: Brasiliense:, 1991, p. 55 e 56.

BEBEL, A. A questão de Gênero. *Cartilha do Coletivo Nacional de Gênero do MST*. São Paulo: MST, 1998.

COMBES, D. *O Sexo do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FERNANDES, B. M. *A formação do MST no Brasil*. São Paulo: Vozes, 2000.

GREMPEL, M. B. *Os assentamentos rurais coletivos do noroeste do Paraná e a participação da mulher nos processos de luta*. Presidente Prudente: UNESP/FCT, 2000.

- LAVINAS, L. “*Gênero, Cidadania e Adolescência*”. In: *Quem Mandou Nascer mulher*. (Felicía Madeira – Org), Record/Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1997.
- LEITE, J.F. *A ocupação do Pontal do Paranapanema*. HUCITEC: São Paulo, 1998.
- LOURO, G. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MARTINS, J.S. *Expropriação e Violência*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- NOBRE, P. S. M. O que é ser Mulher. *Cartilha do Coletivo Nacional de Gênero do MST*. São Paulo: MST, 1998.
- OLIVEIRA, A. U. *Geografia das Lutas no Campo*. São Paulo: Contexto, 1990.
- SÃO PAULO (Estado). Instituto de Terras. Terra e Cidadãos: Aspectos de Regularização Fundiária no Estado de São Paulo. *Caderno do Itesp*. São Paulo, n. 4. 1998.
- RUA, G. M. & ABRAMOVAY, M. *Companheiras de Luta ou “Coordenadoras de Painelas?”*. Brasília: Unesco, 2000.
- THOMAZ JÚNIOR, A. Por uma Geografia do Trabalho. *Pegada*, v.3, número especial, agosto de 2002, Presidente Prudente, CEGeT, 2002a.
- THOMAZ, JR. *Por trás dos canaviais, os “nós” da cana*. São Paulo, Annablume, 2002b.
- THOMAZ JUNIOR, A. O trabalho como elemento fundante para a compreensão do campo no Brasil. Presidente Prudente, 2002c. (mimeografado).
- THOMAZ JÚNIOR, A. Território em Transe. In: *Actas Seminário Internacional sobre Perspectivas de Desarrollo en Iberoamérica*. Santiago de Compostela: Departamento de Geografia/Universidade de Santiago de Compostela, 1999.
- THOMAZ JÚNIOR, A. “Desenho Societal dos Sem-Terras no Brasil, 500 Anos Depois”. *Caderno de Resumos do Simpósio: Brasil: 500 Anos Depois*. Santiago de Compostela, (Espanha), 2000.
- VALENCIANO, R.C. & THOMAZ, JR. A. O papel da mulher na Luta pela Terra. Uma questão de Gênero e/ou de classe? *Scripta Nova*. Universidad de Barcelona, vol.VI, num. 119 (27), i de agosto de 2002. Disponível em: www.ub.es/geocrit/sn/sn119-26.htm.**

* Aluna do Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP/Presidente Prudente; Bolsista IC/CNPq e responsável pelo Plano de Trabalho “Gênero e Organização do Trabalho no Pontal do Paranapanema (SP). As experiências dos Setores de Gênero do MST e das Comissões de Mulheres”, sob orientação do Professor Antonio Thomaz Júnior; membro do Grupo de Pesquisa “Centro de Estudos de Geografia do Trabalho” (CEGeT). E-mail: rencvalenciano@hotmail.com

[1] Entrevista concedida por militante da OMAQUESP, em maio de 2002.

[2] Os GTC's são divisões territoriais utilizadas pelo ITESP para definir a área de abrangência e atuação dos seus escritórios. Essa divisão não corresponde aos limites municipais, mas abrange as áreas de assentamentos mais próximas a cada escritório. No município de Teodoro Sampaio existe um escritório do ITESP, o qual possui um GTC que abrange, além dos assentamentos deste município, outros assentamentos dos municípios de Mirante do Paranapanema e Sandovalina.

[3] Esses projetos agroflorestais se constituem na tomada de áreas de reserva para fazer o reflorestamento, e em consórcio desenvolver o cultivo de culturas como: mandioca, milho, batata-doce e ainda algumas árvores frutíferas como a acerola, manga, jaca, etc.

[4] Entrevista concedida por dirigente da OMAQUESP e, maio de 2002.